

## **Debatendo gênero na escola: relato de experiência a partir de um projeto de extensão universitária**

Michela da Rocha Iop<sup>1</sup>, Cristiane Dorow<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente relato de experiência tem como objetivo expor um projeto de extensão, realizado ao longo do ano de 2021, em uma escola do interior do estado de Santa Catarina. Intitulado “Debatendo gênero na escola”, o projeto se estruturou com o propósito de oferecer, no contexto escolar, um espaço de conversa para adolescentes acerca do tema gênero, promovendo a construção de uma sociedade mais respeitosa e inclusiva. Para a sua efetivação, utilizou-se, como método, o trabalho em grupo por meio de roda de conversa. Ao longo de seis encontros, buscou-se esboçar um espaço de troca, escuta, respeito e compartilhamento. A experiência foi de extrema importância, tanto para estudantes universitárias envolvidas, quanto para adolescentes participantes da ação, tendo em vista a oportunidade de aprendizagem das duas categorias de estudantes. Constatou-se que a realização desse grupo abriu canal de comunicação sobre o tema gênero, permitindo tomada de consciência, construções e desconstruções de concepções, no intuito de romper com a desigualdade de gênero. Entende-se que é de extrema relevância que ações como essa sejam desenvolvidas nas escolas brasileiras.

### **Palavras-chave**

Adolescência. Escola. Gênero. Projeto de Extensão.

---

<sup>1</sup> Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; professora no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brasil. E-mail: michelaiop@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brasil. E-mail: cristiane.dorow@unidavi.edu.br.

## **Debating gender in school: experience report from a university extension project**

Michela da Rocha Iop<sup>3</sup>, Cristiane Dorow<sup>4</sup>

### **Abstract**

The present experience report aims to expose an extension project carried out throughout the year 2021 in a school in the interior of the state of Santa Catarina. Entitled “Debating Gender in School” it was structured with the purpose of offering in the school context a space for conversation for teenagers on the topic of gender, promoting the construction of a more respectful and inclusive society. For its effectiveness, group work was used as a method through conversation circles, and, over six meetings, we sought to outline a space for exchanges, listening, respect and sharing. The experience was extremely important for both university students involved and for adolescents participating in the proposal, given the opportunity to learn for both categories of students. It was found that the realization of this group opened a channel of communication on the gender theme, allowing awareness, constructions and deconstructions of conceptions, in order to break with gender inequality. It is considered extremely important that actions like this one are developed in schools in Brazil.

### **Keywords**

Adolescence. School. Gender. Extension project.

---

<sup>3</sup> Master in Psychology, Federal University of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil; professor at the University Center for the Development of Alto Vale do Itajaí, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: michelaiop@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Undergraduate student in Psychology, University Center for the Development of Alto Vale do Itajaí, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: cristiane.dorow@unidavi.edu.br.

## Introdução

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano que acontece, na maioria das sociedades modernas, na transição entre a infância e a adultez. Essa fase diz respeito a um processo atravessado por alterações físicas, cognitivas, emocionais e sociais, possuindo variações que atuam conforme distintos espaços culturais, econômicos e sociais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Um dos aspectos relativos ao desenvolvimento psicossocial nessa etapa diz respeito às questões de gênero e sexualidade, as quais geram incertezas e inseguranças em adolescentes, demandando que possam ser debatidos e refletidos, superando a ideia de tema tabu na sociedade. Importa ressaltar que sexo e gênero são definições bastante diferentes e precisam ser claramente delimitadas. Praun (2011) comenta que, para fazer a classificação dos indivíduos segundo a anatomia humana, utiliza-se o termo *sexo*. Nesse sentido, um indivíduo é macho ou fêmea, de acordo com os cromossomos expressos em seus órgãos genitais. Por outro lado, de acordo com a pesquisadora feminista Joan Scott (1995, p. 86), o gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] uma forma primária de dar significado às relações de poder”, ou seja, há, nessa concepção, um direcionamento sobre as posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade, sinalizando, conforme a autora, uma diferença hierárquica entre ambos.

Os comportamentos de homens e mulheres na sociedade advêm de um longo processo sociocultural em que foram transmitidas certas prescrições acerca de como cada pessoa deve agir, gerando, então, expectativas sobre como ambos devem andar, falar, mostrar seu corpo, lidar com outras pessoas, participar de eventos sociais, entre outras tantas atividades. Tais expectativas mostram as posições distintas em que homens e mulheres ficam nas relações sociais, deixando evidenciada uma hierarquização que explicita, claramente, que a posição masculina é favorecida. A ideia de que mulheres são mais sensíveis e menos capazes de assumir cargos de direção, por exemplo, nada mais é do que fruto de anos de construção social acerca da inferioridade feminina (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009).

O fato de haver posições assimétricas entre homens e mulheres é gerador de condições de desigualdade e violência, determinando naturalizações que geram normas e jeitos de ser/existir no mundo, impedindo, discriminando e violentando a pluralidade de gênero. Mattos *et al.* (2015) trazem a constatação da existência de desigualdades entre homens e mulheres como sendo fruto da pequena representação política delas, da banalização da violência contra a mulher, da feminização da pobreza e dos baixos salários que elas recebem, não

correspondendo ao salário de um homem que exerce a mesma função. A construção social das diferenças entre esses dois gêneros tem contribuído, ou mesmo determinado, uma distribuição desigual de poder, o que produz mais desigualdades e diferenças expressivas entre ambos, com clara desvantagem para as mulheres (MATTOS *et al.*, 2015).

A violência é um fenômeno complexo, amplo e multívoco, mas que, de forma abrangente, significa ações desempenhadas por indivíduos, coletivos, classes e que geram danos de diversas ordens a si e a outras pessoas (MINAYO; SOUZA, 1997; 1998). As autoras enfatizam que, na verdade, deve-se nomear como violências por dizer respeito a uma condição pluralizada, na qual suas particularidades precisam ser devidamente reconhecidas.

Uma das formas de violência é a de gênero, a qual:

Diz respeito a qualquer tipo de violência (física, social ou simbólica) que tenha por base a organização social dos sexos e que seja perpetrada contra indivíduos especificamente em virtude do seu sexo, identidade de gênero ou orientação sexual. Dentro dessa perspectiva, a violência de gênero pode atingir tanto homens quanto mulheres, como se verifica no caso da violência contra homossexuais e transexuais, vítimas constantes de todo tipo de agressão [...]. Entretanto, histórica e numericamente, é a violência masculina contra mulheres e, em especial, a violência doméstica, que tem se constituído como fenômeno de maior destaque, vez que não se manifesta apenas como fenômeno estruturado pela organização social de gênero nas sociedades contemporâneas, mas também como fator estruturante dessas sociedades. (SARDENBERG; TAVARES, 2016, p. 8).

A violência de gênero prejudica muitas pessoas, especialmente no espaço doméstico, mas, também, no contexto educacional, o qual é um espaço privilegiado, de diversidade e estratégico para debates sobre as questões de gênero, tendo em vista as concepções múltiplas de atores e atrizes circulantes por ele. Contudo, é, também, local de adversidades, conflitos e violências. A escola tem sido marcada por discriminações diversas a grupos entendidos como frágeis e mais passíveis de dominação, sendo que as violências nesse local são marcadas por apelidos, exclusão, perseguição e agressão física. A instituição escolar acaba por dar legitimidade às relações de poder e hierarquias, funcionando sob a perspectiva da opressão, inclusive de pessoas LGBTQIA+, as quais são as que mais afirmam passar por violências nesse espaço (BOMFIM; MESQUITA, 2020).

A escola ocupa um lugar de destaque para propiciar reflexões e tomada de consciência acerca dos fenômenos sociais e seus atravessamentos na constituição das subjetividades. Nesse sentido, assume responsabilidade para oportunizar aos/às que nela circulam a possibilidade de se apropriar e melhor compreender as nuances envolvidas nas questões de gênero. Em um cenário nacional de graves violações de direitos e violência contra a

população LGBTQIA+ e as mulheres, em que isso acontece, inclusive, nas escolas, é visível o importante papel que a educação tem a cumprir. A escola precisa contribuir de maneira eficaz no enfrentamento das condições que impedem ou dificultam a participação social e política de todos. Esse é um espaço decisivo para a construção de padrões sociais democráticos pautados no respeito e reconhecimento da diversidade sexual, além de ser, também, para se posicionar contra a violência, por meio da desmistificação e desconstrução de estereótipos (BRASIL, 2007).

Assim, o presente relato de experiência tem como objetivo expor um projeto de extensão, realizado ao longo do ano de 2021, em uma escola do interior do estado de Santa Catarina, intitulado “Debatendo gênero na escola”. Esse projeto se estruturou com o propósito de oferecer, no contexto escolar, um espaço de conversa para adolescentes acerca do tema “gênero”, promovendo a construção de uma sociedade mais respeitosa e inclusiva. A experiência foi de extrema importância, tanto para estudantes envolvidas/os, quanto para adolescentes participantes da proposta, a qual é descrita a seguir.

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, mais especificamente de um projeto de extensão universitária. Por meio de um edital para seleção de projetos integrados de iniciação científica, o referido projeto foi aprovado e subsidiado para ocorrer ao longo do ano de 2021, dentro da categoria extensão. A atividade de extensão, na Universidade, é:

Uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual ela está inserida, uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos em que a universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e recebe dela influxos positivos em forma de retroalimentação, tais como suas reais necessidades, anseios e aspirações. Além disso, a universidade aprende com o saber dessas comunidades. (NUNES; SILVA, 2011, p. 120).

O projeto foi coordenado por uma professora do curso de Psicologia da instituição, estudantes bolsistas e uma voluntária, sendo essas a maioria do próprio curso e uma do curso de Moda. O aporte teórico que fundamentou a construção e execução desse projeto, além dos estudos de gênero, está nas bases da psicologia social comunitária, em sua perspectiva crítica e materialista histórico-dialética, a qual defende que “se o homem não for visto como produto

e produtor, não só de sua história pessoal, mas da história de sua sociedade, a psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social” (LANE, 2004, p. 15).

## **Resultados e Discussão**

A ideia do projeto surgiu a partir de debates realizados em sala de aula, mais especificamente nas aulas de Psicologia Social, em que foi tratado o tema "gênero". A abertura do edital foi a chance de colocar em palavras escritas as reflexões debatidas durante as aulas, como possibilidade de efetivar uma práxis que tirasse do papel conceitos relativos ao gênero, permitindo que as/os estudantes vissem acontecer a teoria na prática.

Como já mencionado neste relato, o objetivo do projeto foi proporcionar um espaço de conversa para adolescentes acerca do tema “gênero”, promovendo a construção de uma sociedade mais respeitosa e inclusiva. Como objetivos específicos, almejou-se: superar preconceitos, repreensões e discriminações presentes na escola; garantir o direito de acesso, permanência e sucesso escolar da população LGBTQIA+; superar a dicotomia entre meninos e meninas; criar reflexões sobre temas pouco debatidos nas escolas. Tais propósitos se deram por meio de rodas de conversas, buscando construir um espaço de trocas, escuta, respeito e compartilhamento. O projeto partiu do anseio por superar a educação bancária, a qual pauta-se em depositar saberes da mesma forma que em um movimento de doação, que parte daqueles que supostamente sabem aos que acreditam não saber nada. Isso ocorre para que se atinja a educação libertadora, em que as pessoas envolvidas sejam, simultaneamente, educadoras e educandas (FREIRE, 2005).

A partir do resultado da aprovação do projeto, partiu-se em busca de escolas para apresentar a proposta. Pelas condições de um ano em processo de restauração da normalidade em função da pandemia da Covid-19, houve dificuldade de abertura por parte dos órgãos superiores de educação no Estado para a inserção de projetos nas escolas. Assim, a escolha pelo colégio vinculado à universidade foi a alternativa possível naquele momento, tendo, então, total abertura e acolhimento por parte da direção, a qual entendeu a relevância social do projeto. Diante dessa condição, iniciou-se a divulgação do grupo sobre gênero nas turmas do ensino médio, expondo informações básicas para convidar as/os estudantes. Encerrado o período destinado às inscrições (com as devidas autorizações das/os responsáveis pelas adolescentes), iniciou-se um processo que mudaria a vida de todas as pessoas envolvidas.

O planejamento das atividades foi feito sob a orientação da professora/coordenadora do projeto, a qual realizou preparação, orientação, suporte teórico e técnico antes e durante o andamento dos encontros com o grupo. Definiu-se que três acadêmicas do curso de Psicologia conduziriam os encontros, e demais componentes do projeto ficariam responsáveis pela produção de materiais necessários às atividades. A proposta do projeto “Debatendo gênero na escola” baseou-se em seis encontros, os quais ocorreram semanalmente, todas às quintas-feiras, com duração prevista de uma hora e meia.

Assim, semanalmente, uma das estudantes era a coordenadora do grupo, enquanto as outras assumiam as funções de co-coordenadora e observadora (essa última tecia registros e anotações sobre o andamento das atividades). Após cada encontro, havia a responsabilidade de produzir um relato daquele momento, o qual era compartilhado com todas as pessoas componentes do projeto. As atividades aconteceram nas dependências do serviço-escola do curso de Psicologia, em uma sala própria para grupos. Todos os materiais utilizados para realizar as técnicas e atividades foram adquiridos com auxílio financeiro previsto no edital que subsidiou o projeto.

Cada encontro seguia um objetivo específico para aquele dia, construindo uma sequência coerente entre os assuntos a serem abordados. No entanto, seguindo o preceito que norteia qualquer atividade com grupos sobre a flexibilidade, ficou bem esclarecido, às acadêmicas coordenadoras, que o planejamento poderia ser alterado conforme o andamento das atividades, pois lidar com pessoas pressupõe se adaptar e alterar ações previstas em decorrência de demandas trazidas pelo grupo. Nesse sentido, parte-se da premissa defendida por Lane (2004), a qual concebe o grupo como uma instância que supera papéis fixos, estanques, mas que considera a historicidade dos sujeitos participantes e a história do próprio grupo. Assim, a autora fala em processo grupal em vez de grupo, entendendo a mobilidade e constante mutação sofrida naquele espaço, em um constante vir a ser, nunca estando pronto e fechado.

### **Colocando a mão na massa: relato dos encontros**

Antes do primeiro encontro, era expressiva a ansiedade das acadêmicas que conduziram a coordenação do grupo, em um misto de medo, alegria, curiosidade, insegurança, incerteza, entre outras expressões emocionais. Um ponto que preocupava a todas era se as adolescentes inscritas compareceriam. Convém apontar que somente três estudantes

do colégio se inscreveram, o que acentuou a preocupação, somada à curiosidade voltada a se outros/as estudantes apareceriam, mesmo não tendo se inscrito.

No primeiro encontro, apresentou-se o projeto, contando para as participantes como surgiu a ideia e explicando a importância de debater o tema gênero, principalmente dentro das escolas. Como instituição social, a escola possui papel fundamental na formação das novas gerações, com objetivos além dos referentes à aprendizagem de determinados conteúdos (MADUREIRA, 2007). A diversidade é um recurso social com alto potencial transformador e libertador e valorizá-la dentro das escolas é um fator central para o desenvolvimento de uma sociedade que tem a ganhar com a inclusão de todas/os e com o reconhecimento de suas diferenças, possibilitando que cada pessoa desenvolva seus talentos, desfrutando da igualdade de oportunidades e possibilidades de expressar valores, sonhos, afetos, ideias e desejos (BRASIL, 2007). Foi entregue uma folha em branco às participantes, em que cada uma foi orientada a escrever suposições sobre as demais integrantes do grupo. Posteriormente, foi socializado e observado o que cada uma acertou ou errou, possibilitando que cada participante se apresentasse de uma forma divertida e diversificada. Em seguida, aplicou-se uma técnica para avaliar as expectativas das participantes, que teve como objetivo compreender quais as expectativas do grupo, a fim de que as coordenadoras esclarecessem como seriam os encontros e quais os temas abordados.

A última técnica aplicada nesse primeiro encontro, a Técnica da Teia, objetivou propor determinadas combinações, com relação ao respeito, os aspectos éticos, a assiduidade, comprometimento e pontualidade. Utilizou-se um novelo de lã e as integrantes do grupo, inclusive as coordenadoras, formaram um círculo. Cada participante se apresentava, falava sobre como estava antes de chegar ao encontro e quais suas expectativas. Depois, enrolava a lã no seu dedo e jogava o novelo para outra pessoa, até que todas recebessem e formassem uma teia. No que se refere ao ato de apresentar-se, Soares (2010) destaca que se trata de ocasião para se trabalhar dois temas importantes, sendo eles o contrato de trabalho e o relativo a algum aspecto da personalidade. Especialmente no que tange ao contrato, Zimmerman (2011) estabelece que tal palavra provém da ideia de um trato, uma combinação entre as partes envolvidas, delimitando, também, as funções e papéis envolvidos na relação grupal que se estrutura. Quanto à menção a algo da personalidade da pessoa, o uso dessa técnica serviu como um aquecimento, uma preparação para o processo de imersão no tema do grupo, permitindo que as participantes soubessem um pouco mais umas das outras, o que acentua o vínculo para o trabalho grupal.

No segundo encontro, refletiu-se sobre as construções sociais de gênero e a importância de desfazê-las, tendo em vista seus impactos nocivos às subjetividades. Conforme Moreno (2003), as relações na sociedade são pautadas por uma educação sexista, na qual os homens assumem a posição central e as mulheres ficam à margem, repercutindo, então, nas desigualdades tantas vezes veladas e com manifestações sutis. A autora destaca que o patriarcado estabelece mulheres em condição inferior aos homens, estando esses na condição de dominadores e cabendo às mulheres serem dominadas: na infância, pelo pai e irmãos, e, na vida adulta, por seu marido.

Para debater esse assunto, utilizou-se a técnica “concordo x discordo”, criação da professora orientadora do projeto, em que se dividiu a sala ao meio com uma fita adesiva no chão, sendo que em um dos lados foi colocado um papel escrito “concordo” e no outro lado “discordo”. Foram lidas algumas frases representativas de construções e ideologias sociais a respeito de homens e mulheres, como a frase “Mulher não entende de esporte”. Após a leitura de cada frase, cada participante deveria se posicionar fisicamente acerca da ideia lida, decidindo em qual lado da sala ficaria (dessa forma, concordando ou discordando). Ao escolher um dos lados, as participantes eram questionadas acerca do motivo da sua escolha. Essa técnica oportunizou um processo reflexivo acerca das ideias contidas nas frases, as quais exprimem as ideologias que permeiam as relações sociais. Para Lane (2004, p. 41), “a análise ideológica é fundamental para o conhecimento psicossocial pelo fato de ela determinar e ser determinada pelos comportamentos sociais dos indivíduos e pela rede de relações sociais que, por sua vez, constituem o próprio indivíduo”.

Ao final da técnica do “concordo x discordo”, o grupo assistiu trechos do documentário “O silêncio dos homens”, que aborda o tema da masculinidade. Ele foi produzido no ano de 2019 e busca apresentar uma diversidade de masculinidades, pois:

Ao olhar mais de perto, os homens são muito plurais, ainda que bebam dos mesmos condicionamentos sociais entre si. Debaixo das camadas rasas de força, praticidade, habilidades exatas, senso de sacrifício por uma missão e outros clichês existem facetas sensíveis, confusas, temerosas e cheias de curiosidade por outros modos de viver. (MATTOS, 2019, p. 114).

Após cada trecho, as coordenadoras incentivaram as participantes a exporem suas opiniões sobre o que foi visto, se era algo conhecido por elas, se já vivenciaram e o que acharam daquele ponto de vista. Conforme Beiras e Lago (2013), a questão da masculinidade ganhou mais visibilidade a partir das décadas de 1980 e 1990, podendo-se explicar pelo crescimento de ações advindas de movimentos feministas e movimentos gays, suscitando

debates importantes diante de tantas mudanças sociais ocorridas. Diante da ideia de masculinidade, Montesinos (2002) delimita duas representações maiores de modelos: uma baseada no perfil autoritário, predominante no passado, e a outra já esboçando reflexos de mudanças culturais e sociais, nomeada pelo autor como uma nova identidade masculina. Nesse sentido, outros comportamentos realizados por homens repercutem em novas formas de estabelecer relações com as mulheres, implicando, assim, em significativas mudanças no quesito gênero.

A primeira técnica realizada no terceiro encontro foi encaixar as descrições aos seus conceitos, ocasião em que cada participante recebia uma folha com uma lista que continha vários conceitos acerca da população LGBTQIA+ e, abaixo, as descrições que correspondiam a eles. As participantes escolheram quais descrições se encaixavam em cada um e, depois, foi realizada a correção em conjunto. Dúvidas foram esclarecidas e foram pontuadas as diferenças entre identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero. Conforme Carvalho e Barreto (2021, p. 4.060), “tal sigla abarca identidades relacionadas à orientação sexual, qual seja, à atração afetivo-sexual por alguém de algum(ns) gênero(s) e que pode ser classificada como heterossexual, homossexual, bissexual, assexuais e pansexuais”.

Para melhor compreensão, foram assistidos vídeos de relatos de pessoas assexuais, transgênero, transexuais, não binárias e gênero fluido. Refletiu-se sobre todos os tipos de diversidade, como cor da pele, orientação sexual e faixa etária, em que se evidenciou a necessidade de todas serem respeitadas. Como Louro (2018, p. 35) ressalta, “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. Assim, constroem-se visões e padrões sobre o que é esperado, sobre o que é “normal”, gerando divergências e dificuldades nas relações interpessoais. Torna-se primordial, então, “pensar a educação como um instrumento para enfrentar situações de preconceito e discriminação, onde a escola pode se colocar como um instrumento de enfrentamento e de manejo da discriminação, da homofobia, do racismo, do sexismo dentre outros” (JESUS, 2016, p. 78). Por fim, a última atividade desse encontro foi uma produção com massinhas, em que as participantes fizeram uma representação do que foi visto no decorrer do terceiro encontro.

O quarto encontro refletiu sobre a violência, mais especificamente a de gênero, bem como sobre identificar suas manifestações no cotidiano. Adolescentes têm sido expostos a diferentes tipos de expressões desse fenômeno, principalmente na comunidade. Alguns

estudos têm investigado o impacto de uma comunidade violenta em adolescentes e verifica-se que a exposição a ela está relacionada ao aumento da frequência de comportamentos externalizantes, como o uso de drogas e agressão, bem como identificação de sintomas de ansiedade, depressão e ideação suicida (BRAGA; DELL'AGLIO, 2012). Foram realizadas conversas sobre violência, o impacto da desigualdade de gênero para homens e mulheres, a sexualização e objetificação do corpo feminino e a violência contra pessoas de todas as identidades e orientações de gênero. Foram apresentados os dados<sup>5</sup> do Mapa da Violência.

A atividade desenvolvida nesse encontro foi a produção de um cartaz sobre o que é violência e suas manifestações no cotidiano. A importância em apresentar dados atualizados como os do Mapa da Violência é uma forma de não tornar a naturalização desse fenômeno algo ainda mais comum. No que se refere à naturalização da violência contra a mulher, ela, mais especificamente, vem sendo fundada no patriarcado<sup>6</sup>, que deve “ser combatido principalmente através do sistema educacional, demonstrando que homens e mulheres possuem igual valor, e ensinando aos meninos desde a primeira fase da vida – infância - a não reproduzirem o machismo” (SANTOS; ANDRADE, 2018, p. 11).

No quinto encontro, tipificaram-se as várias formas de violência – violência contra mulher, violência de gênero, violência institucional, violência familiar, entre outras – e a Lei Maria da Penha. Cada participante lia um conceito e era discutido, entre o grupo, sobre a ocorrência no cotidiano e exemplos de cada violência. Posteriormente, apresentou-se as formas de buscar ajuda e denunciar. Ao final, cada participante recebeu um fôlder com o conteúdo pertinente ao encontro, os conceitos de vários tipos de violência, a Lei Maria da Penha e informações sobre como buscar ajuda e denunciar tais casos.

Essa etapa do projeto forneceu um momento imprescindível no que se refere à ação preventiva necessária, visto que “a informação é essencial para se compreender a dinâmica da violência e fortalecer as políticas públicas na prevenção, na publicização e na garantia dos direitos humanos das mulheres” (CORTÊS; LUCIANO; DIAS, 2012, p.134). A atividade permitiu às participantes transcenderem olhares sobre formas de violações, às vezes muito sutis e veladas, mas que fragilizam as subjetividades das mulheres, culminando em impactos severos na saúde física e mental. A violência e suas consequências implicam em morte, lesões, diminuição da qualidade de vida e incidência de transtornos mentais. As formas de

---

<sup>5</sup> Disponíveis em: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/lgbt> e <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/sul>.

<sup>6</sup> O patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual (POLITIZE, 2021).

sofrimento mental mais comuns são transtornos de ansiedade, depressivos e abuso de substâncias (CAMPOS, 2021).

No sexto e último encontro, buscou-se avaliar o processo sob a perspectiva das participantes, possibilitando que elas falassem sobre o que aprenderam e o impacto que a participação no projeto teve em suas vidas. O encontro teve início com esse questionamento por parte das coordenadoras, em que cada participante expôs o que achou do projeto, o que teve maior impacto para si e como vivenciou o período dos encontros, avaliando o antes e depois do projeto. Os *feedbacks* foram muito positivos, retratando um espaço de renovação em reflexões, novos olhares acerca de si mesmas e das questões de gênero em sua vida pessoal e social. A experiência avaliada pelas estudantes mostra a necessidade do rompimento com perspectivas engessadas, naturalizadas, condição indispensável para relações mais humanizadas no contexto educacional.

Mesmo no século XXI, falar sobre sexualidade resulta em constrangimento e evidencia uma resistência que não condiz, por um lado, com a suposta supressão dos tabus e, por outro, com a presença, há já mais de duas décadas, do eixo “orientação sexual” no currículo escolar. (GARBARINO, 2021, p.12).

Campos (2015) entende a escola como um cenário propício à formação humana, possibilitando a humanização, a qual pode acontecer com a menção aos temas de sexualidade, diversidade sexual e gênero, fazendo problematizações a questões heteronormativas e preconceitos. Em seguida, oportunizou-se às participantes que escolhessem uma forma de expressar como foram os encontros, o que aprenderam, o que mudou e o que levavam dessa experiência, podendo escolher a forma de apresentar, como em cartaz, dramatização, música ou poesia. Posteriormente, as participantes receberam uma folha com perguntas para a avaliação do projeto, estimando as expectativas e realidade, seu aprendizado e aspectos positivos e negativos dos encontros. E, para finalizar, realizou-se a técnica da caixa de chocolate, na qual cada participante pegava um doce e entregava a caixa para outra participante, dizendo uma característica que gostava nela. A caixa foi passando até terminarem os chocolates. O encontro se encerrou com as coordenadoras relatando como foi trabalhar com o grupo e entregando uma lembrancinha para cada participante.

## Considerações finais

A proposta de um grupo para debater gênero no contexto escolar representa um grande desafio. Desvelar um tema ainda repleto de tabus e preconceitos, emaranhado em construções sociais que sustentam relações de dominação, é estar de frente com dificuldades e contínuos empecilhos. Mas isso não é o que fragiliza estudantes e professoras do curso de psicologia que se sentem convocadas a trabalhar com base no compromisso social da ciência e profissão psicológica. A noção de compromisso social da psicologia foi alavancada da década de 1970, período em que a classe profissional entendeu ser necessário romper com sua tradição elitizada, almejando um novo propósito para a categoria. Assim, tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina, pensou-se a importância de tornar acessível os serviços da psicologia para a maioria da população, a fim de que pudessem ter condições de vida melhores (BOCK *et al.*, 2007). Nesse sentido, o conceito de compromisso social representa um movimento de resistência dos modelos tradicionais vigentes dessa área, condição indispensável para que outras superações sejam efetivadas, entre elas, da desigualdade de gênero.

Desde a vida acadêmica, já se inicia a construção da identidade profissional de uma pessoa, a qual, futuramente, atuará com base em um juramento feito e nos preceitos éticos, teóricos e técnicos que norteiam sua atuação. Quando se pratica desde cedo o “ser psicóloga”, vai havendo possibilidade de perceber a importância do nosso papel na sociedade e quanto há trabalho a ser feito.

Certamente, um dos trabalhos mais árduos é lidar com concepções construídas historicamente e que, enraizadas, cristalizadas e arraigadas no seio da sociedade, trazem desconforto quando são colocadas à tona. Considera-se que, quanto mais cedo for possível levantar questões relacionadas a gênero, mais antecipadamente poderão ser prevenidas atitudes e construções ideológicas fomentadas em preconceito, dominação, desigualdade e violências. O anseio é por minimizar ou, por que não, acabar com tantas violações e desrespeito na sociedade, condições geradoras de sofrimento ético-político, conceito que é entendido por Sawaia (2001, p. 104) como “a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade”.

A adolescência e a escola formam uma combinação importante para debater e prevenir que futuras e futuros cidadãs e cidadãos reproduzam modelos retrógrados de vivência em sociedade. Formar adultas e adultos que defendam e ajam em prol dos direitos humanos é um ato de cuidado social. A formação em psicologia também tem esse papel e, por meio de

atividades como esse projeto de extensão, é capaz de convocar a sociedade a pensar diferente, sair de um espaço violador, a fim de oportunizar prevenção e promoção de saúde mental por meio do debate de questões de gênero com adolescentes. Importa destacar que a presença de outras áreas (tal como aconteceu nesse projeto, com a participação da estudante do curso de Moda) é de extrema importância para que, com um olhar interdisciplinar, seja possível dissipar ainda mais a quebra de paradigmas que precisam acabar. Todas as ciências são corresponsáveis pela luta contra uma sociedade violenta e preconceituosa.

Almeja-se que, tendo por base essa experiência, outras atividades com adolescentes em escola, debatendo gênero, sejam realizadas e reverberem na vida de todas e todos que forem atingidos, direta ou indiretamente, por tais vivências.

## Referências

BEIRAS, A.; LAGO, M. C. S. Ser homem, ser pai: encontros e desencontros: um estudo exploratório em camadas populares de Florianópolis. *In*: LAGO, M. C. S.; TONELI, M. J. F.; SOUZA, M. de (org.). **Sexualidade, gênero, diversidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 10-34.

BOCK, A. M. B. *et al.* Sílvia Lane e o projeto do “Compromisso Social da Psicologia”. **Psicologia & Sociedade** [online], Recife, v. 19, n. esp., 2007. Doi: 10.1590/S0102-71822007000500018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/w5gPmcgxnB5w5ThhFkCyCtb>. Acesso em: 25 set. 2022.

BONFIM, J.; MESQUITA, M. R. “Nunca falaram disso na escola...”: um debate com jovens sobre gênero e diversidade. **Psicologia & Sociedade** [online], Recife, v. 32, 2020. Doi: 10.1590/1807-0310/2020v32192744. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/V3HY8znBRsnFzghQGWK9jh/?lang=pt>. Acesso em: 5 dez. 2021.

BRAGA, L. L.; DELL’AGLIO, D. D. Exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: família e instituições. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, n. 3, p. 413-420, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/G9CPjqrYCjxnhyD4KcckRfS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. (Cadernos SECAD 4).

CAMPOS, L. M. L. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação**, Bauru [online]. 2015, v. 21, n. 4. Disponível em: Doi: 10.1590/1516-731320150040001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/Vjj5V3T3BmGDW4zYHpk99xb/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2022.

CAMPOS, F. R. P. *et al.* **Saúde mental e relações sociais de gênero**: impactos da violência de gênero sobre a saúde mental da mulher. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Várzea Grande, Várzea Grande, 2021.

CARVALHO, A. A.; BARRETO, R. C. V. A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, p. 4.059-4.064. Doi: 10.1590/1413-81232021269.12002021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/rwDkNhDCdyY5xdfyXNxmmGH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CORTÊS, G. R. *et al.* A informação no enfrentamento à violência contra mulheres: Centro de Referência da Mulher “Ednalva Bezerra”: relato de experiência. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. esp. p. 134-151, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARBARINO, M. I. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu** [online], n. 63, 2021. Doi: 10.1590/18094449202100630016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/ffnKR5RVpk7fTxy5crmnptF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2022.

**GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

JESUS, A. S. **Educação e gênero no âmbito escolar**: pensando a diferença nesse espaço múltiplo e diverso. 2016. 119 f. Monografia (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. *In*: LANE, S.T. M.; CODO, W. (org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 10-19.

LANE, S. T. M. O processo grupal. *In*: LANE, S.T. M.; CODO, W. (org.) **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 78-98.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-42.

MADUREIRA, A. F. A. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola**: a construção de uma cultura democrática. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MATTOS, F. A. S. O. O silêncio dos homens. **Nova Perspectiva Sistêmica**, São Paulo, v. 28, n. 65, p. 114-116, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/541>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MATTOS, A. I. S. *et al.* Desigualdades de gênero: uma revisão narrativa. **Saúde.com**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 3, p. 266-279, 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/372>. Acesso em: 26 set. 2022.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva, **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 4, n. 3, p. 513-531, nov. 1997- fev. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/S9RRyMW6Ms56S9CzkdGKvmK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MONTESINOS, R. **Las rutas de la masculinidad**: ensayos sobre el cambio cultural y el mundo moderno. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 2003.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano IV, n. 7, p. 119-133, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/60>. Acesso em: 1 dez. 2021.

PAPALIA; D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

POLITIZE. **O que é patriarcado?** Disponível em: <https://www.politize.com.br/patriarcado/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, São Luis, v. 1, n. 1, p. 55-65, 2011. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SANTOS, C. F. S.; ANDRADE, M. J. E. A naturalização da violência de gênero na contemporaneidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORAS/ES EM SERVIÇO SOCIAL, 16., 2018. **Anais [...]**. Vitória-ES: UFES, 2018.

SARDENBERG, C. M. B.; TAVARES, M. S. (org.). **Violência de gênero contra mulheres**: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento. Salvador: EDUFBA, 2016.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: SAWAIA, B. B. (org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 97 -116.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 71-100, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/71721>. Acesso em: 16 maio 2022.

SOARES, D. H. P. Técnicas e jogos para utilização em grupos de orientação. *In*: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (org.). **Orientação Vocacional Ocupacional**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 260-273.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica**: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Submetido em 19 de fevereiro de 2022

Aprovado em 12 de setembro de 2022.